



Ano I Nº 244  
18 de Julho de 2007 Índice

UAW inicia negociações com as montadoras	01
Protesto contra o fechamento de fábricas da Airbus	02
Indonésia : Trabalhadores manifestam-se contra a Nike	02
EUA julgam mineradora acusada de assassinatos	03
Suicídios de Trabalhadores na Peugeot	04

## INTERNACIONAL

### UAW inicia negociações com as montadoras

O UAW, o sindicato dos trabalhadores automotivos dos Estados Unidos, inicia nesta semana sua rodada de negociações com as “três grandes” montadoras do País.

Nesta quinta-feira o sindicato vai se encontrar com executivos da Chrysler na sede da empresa em Auburn Hills, no estado de Michigan, dando início oficial às negociações comerciais com a montadora.

Na próxima segunda-feira o sindicato terá reuniões semelhantes com a Ford Motors e com a General Motors.

Esses gestos simbólicos darão início a provavelmente uma das rodadas de negociações mais difíceis que os trabalhadores automotivos e o seu sindicato já enfrentaram.

No ano passado ocorreram dispensas maciças de trabalhadores na indústria automotiva. A General Motors dispensou em 2006 cerca de 65 mil de seus trabalhadores.

A Ford e a Chrysler demitiram cerca de 10 mil trabalhadores cada uma. A essas demissões nas montadoras somam-se as demissões nas autopeças – só a Delphi acarretou a perda de 10 mil postos de trabalho.



Os trabalhadores tiveram, recentemente, que engulir um penoso acordo com a Delphi : no dia 29 de junho ultimo eles votaram a favor de um acordo que prevê a redução dos salários de U\$ 27,00 a hora trabalhada para US\$ 18,50 a hora. Eles conseguiram algo com a sua resistência : a Delphi queria reduzir os salários para US\$ 10,00 a hora .

As manobras da empresa para jogar nas costas dos trabalhadores as suas mazelas administrativas ( a empresa encontra-se em concordata) causaram a diminuição da força de trabalho na empresa de 24.000 sindicalizados em 2005 para 4.700 agora.

A globalização diminui a força dos trabalhadores – os sindicatos tem que enfrentar os salários mais baixos pagos nos outros países : no México as montadoras pagam cerca de US\$ 4,00 a hora.

Mas eles enfrentam não apenas a concorrência estrangeira. No sul do país ( onde concentram-se as montadoras estrangeiras, principalmente japonesas) os salários são de cerca de US\$ 14,00 a hora trabalhada. Lá os trabalhadores automotivos não contam com sindicatos para defende-los.

É esse o quadro em que as negociações vão se realizar. Serão tremendas as dificuldades e os trabalhadores, provavelmente, terão que fazer grandes concessões.

## Como agem as multinacionais I

### Protesto contra o fechamento de fábricas da Airbus

Cerca de 6 mil pessoas, na maioria trabalhadores da EADS/Airbus na Alemanha, manifestaram-se esta quinta-feira em Laupheim, Nordenham e Varel contra o plano de reestruturação da construtora aeronáutica europeia que prevê a venda ou o encerramento das três fábricas implantadas nessas cidades.

O IG Metall organizou a manifestação

Os sindicatos alemães questionam o interesse econômico dessa venda, mas também deixaram de ser tão intransigentes, admitindo pela primeira vez a possibilidade de encontrar um parceiro estratégico. As ações da EADS, a casa-mãe da Airbus já desvalorizaram 10% desde o início do ano.



Em 2006, a empresa fechou pela primeira vez o ano em perda. Um fato que deve repetir-se este ano, sempre por causa do A380. Os atrasos importantes na construção do super-jumbo são em grande parte responsáveis pela situação. Em Fevereiro, a Airbus apresentou um plano de reestruturação, o Power 8 que prevê a supressão de 10 mil postos de trabalho e o encerramento de 3 fábricas na Alemanha. Objetivo: em 2012 ter reduzido os custos em 2,1 mil milhões de euros. *(EuroNews, 13.07.2007)*

### Indonésia : Trabalhadores manifestam-se contra a Nike

A Nike comunicou ontem que pretende expandir os seus negócios na Indonésia, numa tentativa de arrefecer os ânimos contra a empresa, depois do anúncio de que vai rescindir os contratos de fornecimento com duas das sete fábricas que subcontrata no arquipélago para a produção de tênis da marca, rompimento que se tornará efetivo dentro de nove meses.

O Governo indonésio, de acordo com a cadeia de televisão ANTV, pretende questionar diretamente os responsáveis da multinacional sobre esta decisão. Em sério risco ficam 14 mil postos de trabalho na PT Hardaya Aneka Shoes Industry e na Nagasaki Paramashoes Industry, que têm como principal cliente o fabricante mundial de artigos desportivos. As duas fábricas pertencem ao mesmo grupo, a Central Cipta Murdaya, que já avisou que não irá ter dinheiro para pagar indenizações àqueles que perderem o emprego.

A notícia caiu como uma "bomba" entre milhares de trabalhadores das duas empresas, que aderiram a um dia de greve na última segunda-feira e se manifestaram ruidosamente às portas dos escritórios locais da Nike, em Jacarta. Entre os muitos cartazes agitados nas ruas de Jacarta, podia ler-se "A Nike mente", ou "Não compres tênis da Nike: comprem a 11 dólares e vendem-nos por 100" e ainda "Nike é um vampiro que chupa sangue". A empresa afirma que irá continuar a recorrer a fábricas indonésias para a produção de 20 por cento dos tênis da marca, mas que decidiu deixar de comprar tênis às duas firmas devido à sua "baixa qualidade".

A multinacional subcontrata 38 fábricas no país, onde está presente desde 1989, garantindo emprego a um total de 115 mil trabalhadores com salários muito inferiores aos da Europa e dos Estados Unidos. O Governo indonésio tem apostado em atrair investimento estrangeiro para contrariar a taxa de desemprego no arquipélago, que atinge mais de 10 por cento da população ativa. *(Público, 16.07.2007)*

## Como agem as multinacionais II

### EUA julgam mineradora acusada de assassinatos

*Transcrevemos abaixo artigo do jornal Folha de São Paulo sobre ação civil contra a mineradora Drummond. Para maior esclarecimento dos nossos leitores temos que acrescentar que a ação foi patrocinada pelo sindicato dos trabalhadores siderúrgicos dos Estados Unidos, o USW . O Sindicato iniciou a ação civil em 2002 e desde aquela data vem lutando para que se faça justiça nesse caso que envolve o assassinato de três sindicalistas. Recentemente o caso ampliou-se com a divulgação de documentos mostrando o envolvimento de multinacionais com as forças direitistas paramilitares para o assassinato de sindicalistas. Os documentos revelados mostraram inclusive o envolvimento de um alto executivo da Drummond, o Cel. Julian Villate, num complô para assassinar o senador colombiano Gustavo Petro. O USW levou o senador Petro para depor no Congresso americano.*

### Ação é pela morte de 3 sindicalistas colombianos

Uma corte civil do Alabama (EUA) iniciou nesta semana o julgamento da mineradora americana Drummond, acusada de financiar paramilitares na Colômbia que assassinaram, em 2001, três líderes sindicais do país que se opunham a políticas da companhia.

O caso da Drummond, que opera a segunda maior mina de carvão a céu aberto da Colômbia, ocorre depois que a empresa agrícola Chiquita Brands, também americana, aceitou pagar US\$ 25 milhões em multas após admitir à Justiça dos EUA ter feito pagamentos a paramilitares em troca de proteção, entre 1994 e 2004.

Os pagamentos eram destinados às AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia), então principal rede "para", consideradas grupo terrorista pelos EUA desde 2001.

À corte, o advogado dos familiares dos sindicalistas, Herman Johnson, afirmou que a Drummond ajudou as AUC com dinheiro e equipamentos. A empresa, com sede no Alabama, nega qualquer vínculo com paramilitares e diz que as acusações não são "críveis".

Ontem, no segundo dia do julgamento, Juan Aguas Romero, secretário de dois sindicatos colombianos, disse ter sido ameaçado por Augusto Jimenez, presidente das operações da Drummond na Colômbia.

O julgamento é considerado um marco porque, se a mineradora for declarada culpada, o caso abrirá precedente para que companhias americanas sejam processadas nos EUA por supostos abusos dos direitos humanos em outros países. É a primeira vez que uma ação é baseada na Lei sobre Tortura de Estrangeiros, de 1789.

Em março de 2001, paramilitares emboscaram um ônibus da Drummond que transportava os líderes sindicais Valmore Locarno e Victor Orcasita. Locarno foi morto com um tiro na cabeça. Orcasita, torturado e depois assassinado. Um terceiro líder sindical, Gustavo Soler, foi achado morto em outubro.

À época, sustenta a acusação, o sindicato dos mineiros negociava com a Drummond para melhoria na segurança, dias depois da morte de três trabalhadores em uma mina. Segundo o advogado Herman Johnson, paramilitares estavam então na companhia fazendo a segurança, e o sindicato era visto como "uma ameaça". Na semana passada, o ex-paramilitar Edwin Guzman disse que a Drummond e outras empresas forneciam combustível às AUC. (Com agências internacionais) (*Folha de S.Paulo, 13.07.2007*)

## Suicídios de Trabalhadores na Peugeot

Grupo Peugeot na França registra 6 suicídios neste ano

Cinco trabalhadores trabalhavam em uma mesma unidade da montadora européia; três deles se suicidaram em maio. Motivo da 6ª morte não foi explicado; sindicato pede que suicídio do funcionário seja qualificado como acidente de trabalho

Um operário da fábrica da Peugeot-Citroën em Mulhouse (na região francesa da Alsácia) se enforcou na última segunda-feira, elevando para cinco o número de suicídios de funcionários dessa unidade e para seis o total no grupo desde o início do ano. Em Mulhouse trabalham cerca de 10,5 mil pessoas.

Segundo uma fonte sindical, o funcionário, de 55 anos, teria se enforcado com um objeto que serve para serrar peças. Chamado Mario, ele trabalhava havia 29 anos na PSA.

Esse suicídio ocorre após a primeira reunião, em 11 de julho, da célula interna de reflexão, constituída por psiquiatra e assistentes sociais, destinada a prevenir os suicídios e da qual participam a direção e os sindicatos. E duas semanas depois da implementação pela direção do grupo PSA de uma linha telefônica gratuita de escuta psicológica, que funciona 24 horas, sete dias por semana e permite que os empregados da montadora dialoguem.

### Acidente de trabalho

Por enquanto são ignoradas as causas do suicídio. O empregado não deixou uma carta no local de trabalho explicando seu gesto. O sindicato CGT já pediu que o suicídio seja qualificado como acidente de trabalho. Ainda estão em curso investigações sobre os outros casos de suicídio.

Segundo Vincent Duse, delegado da CGT no comitê da empresa da fábrica de Mulhouse, "esse homem podia ter problemas pessoais, mas o fato de a morte ocorrer no local de trabalho basta para nos indagarmos sobre as condições de trabalho impostas pela PSA".

"Está na hora de a direção tomar as medidas necessárias para que essas tragédias parem. Em nome da corrida pela rentabilidade, metas e prazos, as condições de trabalho são muito difíceis. Além disso, o plano de gestão provisional dos empregos e dos cargos vai agravar ainda mais a situação. Sem contar que, no fim de julho, 500 contratos provisórios não serão renovados", afirmou Duse. Na oficina de ferragens da fábrica em Mulhouse, onde três outros assalariados se suicidaram em maio no local de montagem dos chassis, uma tarefa dura, as equipes estão sendo reduzidas. "Há não muito tempo éramos 2.000, em breve seremos 500. Não é de surpreender que as condições de trabalho se degradem", disse um operário. À preocupação ligada à produção acrescenta-se a degradação do ambiente. "Hoje, cada operário compete com seu vizinho. Os lugares de convívio foram suprimidos e estamos constantemente sob o olhar do chefe, que também está sob pressão, deve-se admitir", lamenta Bruno Lemerle, delegado da CGT em Sochaux.

### Plano de emergência

No início de junho, o sindicato propôs um plano de emergência para a saúde dos funcionários, que prevê principalmente a generalização na produção do sistema "dez minutos de pausa por hora", um controle ambulatorial das queixas psicológicas e o fim imediato das pressões sobre os doentes, que assumem a forma de convocações ou o envio de cartas da direção por "absenteísmo pessoal incompatível com a organização industrial" -a CGT teria reunido 150 delas-, assim como telefonemas e visitas indesejadas às residências dos trabalhadores.

"Até hoje, infelizmente, a direção não deu uma resposta séria a nossas propostas. A criação da linha direta não é suficiente. Queremos que uma firma externa especializada em dificuldades no trabalho também venha às fábricas." (Nathalie Brafman do "Monde")  
(Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves para Folha de S. Paulo, 18.07.2007)